

Púbere

Gamma



P A R E N T A L
ADVISORY
EXPLICIT CONTENT

Ainda não amei ninguém. Pode ser que o amor venha... Já me apaixonei sim. Mas amar, amar mesmo, ainda não. Amor é mistério perdido entre os astros do espaço! É algo inexplicável, complexo e ao mesmo tempo simples... Dá pra entender? Engraçado! Amor deve ser Deus. Deve ser bom sentir o amor. Paixão é à beira do abismo, da imaturidade, da tensão, do vexame... Digo que minha primeira paixão foi a Sabrina. Hoje a procuro pela internet, pelos confins do mundo... Faz mais de vinte anos. Esses relevos em meu rosto já denunciavam o tempo, quando me encaro no espelho frio e sincero. Sinceridade que dói. Criei em minha imaginação um estilo único de mulher... Cabocla! Sempre que me deparo com esse tipo de mulher que habita minhas fantasias, nas ruas ou qualquer lugar, fico inquieto... Às vezes até sigo-a. Tento de alguma forma conhecê-la, puxar qualquer assunto... Vou dormir pensando. Sua imagem me persegue por alguns dias, até esquecer. É impressionante, obtive várias mulheres com o passar do tempo, mas nenhuma parecida com a Sabrina! Essa mulher era mais que uma criação. Era uma realidade! Uma criação de Deus ou do diabo. Morena, cabocla... É exatamente a imagem dela que vaga por essa caverna escura de meu coração. Ela se tornou um fantasma! Uma lenda da floresta... Uma lenda urbana. Um espírito vivo a habitar as periferias de minha imaginação, de meus desejos obscuros... Ela virou a rainha de meus subúrbios baixos, de meus terreiros de rituais, onde tudo é liberado. Sabrina será sempre minha Deusa clandestina.

João, – com 40 anos de idade.

“Grandes escritores foram aqueles que escreveram na tinta, caneta e máquina de escrever.”



DEDICATORIAS

À Manoel Marcos, pelas ideias e o incentivo de sempre.

À Maxwell Mendes, escritor, que me incentivou terminar essa estória.

Paixão é doença d´alma.

Paixão é a flor roxa que nasce no coração do trouxa.

ditados populares

Escrever é remixar estórias!

Recife, 1988... João estava ouvindo música... Ele era fissurado pelo seu videogame Atari, mas quando não havia ninguém em casa o garoto aproveitava para ouvir seus discos de rock. Pegava o vinil, colocava delicadamente no passa disco e aumentava o som. Se olhava no espelho da sala e com um cabo de vassoura nas mãos imaginava uma guitarra. Ouviu ao longe, gritos... Parecia uma discussão. O barulho vinha dos fundos da casa. O moleque baixou o volume do som, subiu a escada e foi para o seu quarto, abriu a janela e fechou rapidamente... Pois era melhor olhar pela brecha. Da janela do quarto em que dormia do primeiro andar, que dava para o quintal... João assistia uma briga de casal. Era na casa de trás, onde morava uma bonita morena, uma cabocla da Amazônia. Dava para ver pela brecha, ouvir as ofensas, os palavrões, toda aquela gritaria...

___ Sua vagabunda! Isso é pra você deixar de ser cachorra!

Gritou o homem depois de rodar a mão no pé d'ouvido da mulher e ela cair por cima da mesa, se cortando nos copos de vidros que se quebravam... A cena deixou João inquieto, tenso, suas pernas tremiam... Não havia ninguém em casa. Seus pais trabalhavam fora e a empregada que cuidava de João tinha ido ao hospital público fazer um exame. Outra bofetada se ouviu... Pois ela tentou se levantar.

___ Seu filho da puta! Covarde! Vou dar parte de você na polícia! Você vai preso, quero ver você bater em homem! Dizia ela, ofegante. E ele respondeu.

___ Como!? Vou te mostrar quem é filho da puta! Sua vadia! Você bateu em mim primeiro, em cara de homem não se bate! Eu nunca te bati, mas hoje você merece! Toma!

A mulher sentiu o estalo de mais uma tapa em seu rosto... Valente, ela se pendurou em suas costas e o mordeu. Pegou um garfo e tentou enfiar em sua goela. Ele segurou a mão dela, tomou o garfo e sacodiou longe. Foi empurrada e novamente foi ao chão. Ela se levantou... E partiu pra cima dele com tudo! O agressor a segurou, apertando o seu pescoço contra a parede... Pegou uma sustenta joelhada nos testículos! O homem sentiu dor e se abaixou. Gemeu!

___ Uhhhhh... Sua cachorra! Essa doeu! Vou agora te mostrar como se castiga uma traidora como você!

Foi pra cima da mulher para tentar bater mais. Ela, afoita, sem medo, não recuava, insistia em investir contra homem que a agredia, respondendo com tapas. O homem era o seu marido... Talvez não era a primeira vez que João ouvia conflitos verbais na casa de trás. Mas dessa vez existia a violência. E ele via! Não sabia ao certo se era a primeira vez que a morena apanhava. E muito menos o motivo. A cozinha onde acontecia a briga era sempre aberta, com quatro janelas enormes, escancaradas... Dava para ver tudo. A casa era de arquitetura colonial, malconservada, tombada como patrimônio histórico. Casa velha. Um tanto velha e desgastada pelo tempo, morada grande e abusando de espaço, como eram as casas do século passado. Não sabia com que o marido dela trabalhava, mas sempre usava chapéu e óculos escuros. A barba era por fazer e o aparentava mais esquisito e misterioso. Ouvia o agressor

gritar, enfurecido, cuspiendo saliva... Deveria estar fedendo a álcool... Pois ele sempre bebia.

___Eu sabia que ia te pegar com esse vagabundo! Ele correu! O que você estava fazendo com ele Sabrina? Abraçada? Se beijando? Na nossa cama! Me diga! Eu dou um duro do cacete pra bota comida aqui dentro, pagar o aluguel dessa porra, pra levar chifre teu? Nunca deixei nada faltar pra você...

Outra tabocada se ouviu... Sabrina tropeçou e novamente beijou o chão de cerâmica da cozinha. Ela se levantou e não pensou duas vezes, valente e afoita, ergueu a cadeira de madeira e quebrou nas costas de seu adversário, que se virou para se proteger. O homem pela primeira vez ia ao chão! Ela procurou um pedaço de pau... Ele se levantou, ficou torpor de raiva e partiu pra cima. Quanto mais o homem lembrava da cena que presenciou, mais ódio sentia. João imaginava que foi traição, flagrante, mas bater assim em uma mulher... Não pode! O homem se aproximou dela, era mais forte, puxou a argola do vestido umedecido de suor, imobilizou-a e a levantou, suspendendo-a contra a parede... Ergueu o seu queixo o apertando...

___Olha pra mim sua traidora! Olha no meu olho! Eu te amava! Te amava!

E gritou a interrogando e cuspiendo saliva alcoólica em seu rosto marcado por recentes hematomas.

___Há quanto tempo você tava dando pra ele? Hein? Me diz!

As palavras eram pesadas, mas não mais que a agressão física. Repentinamente algo estranho aconteceu na cena assistida por João. O homem foi lentamente caindo... Caindo... Caindo... Se ajoelhando em silêncio aos pés da morena... Se agarrando em seu vestido azul... Puxando a

ponto de rasgar o tecido... Até cheirar os pés descalços da sua mulher e golfar sangue. Caído... Ele se agarrou em suas panturrilhas... Suas pernas... Que ele tanto beijou... Ela o empurrou com o pé direito, o chutando com ojeriza. Nojo! O choro dela era de alívio e pavor ao ver o seu homem furado, agonizando seus últimos minutos... Vagarosamente ele foi se arrastando até a mesa... Rastejando como um lagarto, ferido. João não entendia a cena. O que houve? As mãos da mulher que apanhava, ficaram encharcadas de sangue. Parecia que a luta definitivamente invertera, a favor de Sabrina. Notou que ela segurava uma faca na mão direita. Os olhos de João ficaram mais atentos, seu coração batia ainda mais forte... A morena imediatamente fechou as janelas, enquanto o homem se arrastava pelo chão como um réptil, vomitando um jato de sangue... João ainda o viu puxando a toalha da mesa, inconsciente, para tentar se levantar em vão... E os copos e os talheres caíram por cima de seu corpo enorme. O golpe dado pela mulher haveria de ser mortal. Ela correu para fechar a última janela da cozinha. Precisava terminar o crime, acabar com o homem de vez, pra ele parar de agonizar. Sim! Seria a parte que a mulher iria mais gostar de fazer: acabar com o homem de vez! O garoto abriu parte da janela, para melhor ver o que acontecia. De repente os olhos de João se deram aos de encontro com os olhos vermelhos de Sabrina. Ela o viu! João assustado não mexeu as pupilas de seus olhos... Não sabia o que fazer. Estava com um nó seco na goela. Ele tinha apenas quatorze anos incompleto. João virou o rosto... Depois que a mulher fechou as janelas e a porta, o garoto não viu mais nada, porém ouviu um grito distorcido, grito de homem, de dor... Mais outro grito se ouviu, dessa vez

gutural. Era o último suspiro. Acabou. Ela acabou com o homem. Estava feito. João não via mais nada, apenas as janelas da cozinha fechadas. Um silêncio seco o encheu de expectativa. Sabia que a mulher terminou com o homem, de forma definitiva. O moleque enfim abriu a janela inteira, para ver melhor aquele quintal. O que houve? A porta da cozinha se abriu e a mulher apareceu, com o vestido manchado de sangue. Ela olhou novamente para a janela onde João estava... E os olhares se deram de encontro pela segunda vez. O rapazote era a única testemunha. Não tinha ninguém na casa de João, não estavam seus pais e muito menos Helena, a governanta que cuidava dele desde bebê. Aliás, os pais eram separados, desde que João nasceu. O pai era caminhoneiro e vivia viajando. Já tinha outra família. O homem aparecia uma ou duas vezes por mês para deixar um dinheiro, saber das notas do filho, levar uma roupa ou um tênis. Ajudava como podia nas despesas do moleque, já que a mãe era aeromoça e não ganhava mal. Ela apenas exigiu que ele bancasse os estudos do filho, com livros, material e a mensalidade em escola particular. Não queria jogar o garoto em escola pública. As escolas do governo não eram mais como antes. O pai conseguiu com a influência de um amigo, uma bolsa para João estudar em escola privada. Era a sua maior contribuição. Já que estudar em um dos melhores colégios do Recife, custava caro. A obrigação do menino era passar de ano, caso contrário, perderia a bolsa. E a sua obrigação, ele sempre cumpriu, nem chegava o final do ano e o moleque já estava aprovado. Mas agora ele estava ali, sozinho, inquieto, diante uma recente cena de crime... Ele desceu as escadas para ligar para a polícia. Foi a primeira coisa que veio em sua

cabeça de menino. O que diria a polícia? Não sabia nem buscar o número na lista telefônica. Nunca ligou para a polícia. Já era revoltado com o homem que supostamente batia na mulher, pois sempre ouvia os gritos. Quando eles brigavam, Helena ficava no quarto de João ouvindo as agressões verbais, porém nunca viu agressões físicas. Não se sabe se sempre ele batia na morena. Ou se foi a primeira vez que ela rodou no cacete. Por outro lado, João se descobria... E da mesma forma que espiou Sabrina sendo moída na porrada, também a brechava se loireando com descolorante, se bronzeando e tomando banho de cuia no quintal. Às vezes exibindo seu corpo nu, quando Sabrina tomava banho para retirar o cosmético do corpo. Mas a cena recente não saía de sua cabeça, não foi uma cena de Sabrina se bronzeando, brilhando sobre o sol de verão do Recife. O coração do garoto continuava a bater... Aflito. João sentia inexplicável atração por Sabrina, desde seus nove anos incompletos, quando a morena se mudou para a casa que dava com o quintal da sua. Vez por outra Sabrina ia fazer suas unhas com sua tia de criação Helena, que João a tinha como uma mãe. Além de cuidar do garoto, também era manicure. A morena estirava suas pernas pousando os pés sobre uma toalha branca no colo de Helena, que por sua vez, cuidadosamente removia as cutículas instaladas entre suas unhas. João observava da sala e ouvia os relatos de Sabrina para a sua mãe de criação Helena, aquela conversa mansa de mulher, suave... Barulhinho agradável de vozes femininas, cochichando... Enquanto Sabrina escolhia a cor do esmalte... João de ouvidos atentos escutava suas queixas de maus tratos pelo marido, as humilhações e a confissão de uma suposta amante que ele tinha. Já não

existia mais amor entre o casal, toque e carícias corporais. Isso era o que Sabrina dizia. Eram dois estranhos vivendo em um antigo casarão no bairro da Boa Vista. Vez por outra a sua rival, amante de seu esposo, ia deixá-lo em casa, quando estranhamente o marido saía sem o carro. Sabrina não acreditava na audácia, ouvia o barulho do motor do Fusca e pela janela da sala brechava o último beijo dado no seu homem. Só podia ter saído de um motel qualquer. O homem da casa mal entrava pela porta e Sabrina voava em cima dele indignada...

___Seu escroto! Como faz isso? Quem é essa mulher? Porque me trai?

Com ignorância ela era empurrada por ele...

___Sai daqui! Cai fora da minha casa! Da minha vida! Não lhe devo satisfação!

Sabrina chorando o seguia gritando pelo corredor...

___Como não me deve satisfação seu canalha! A casa não é sua, é alugada! Como me trai assim na cara de pau? Aparece com a mulher na nossa casa? Abre essa porta Agnaldo! Abre! Seu covarde! Os vizinhos vendo você chegando com essa puta aqui em casa! O que vão pensar de mim! Abre essa porta Agnaldo! Abre!

Ela ia se debruçando na porta fechada, chorando... Batendo na estrutura de madeira. Ainda ouvia a última frase do marido infiel.

___Dane-se vizinhos! E cala a boca que eu tô cansado! Cansado da suas cobranças... Ainda bem que não tenho filho com você, se não eu tava lascado! Ela é apenas uma amiga minha, não tenho nada com ela! Pare com o seu ciúme doentio!

Essa era a versão que Sabrina contava. Os vizinhos diziam ao contrário, que ele era um bom marido. Fazia

de tudo para agrada-la e que o corno era ele e não ela! João lembra que ouviu gritar, na última briga, antes de morrer, que a amava! Será que ela sempre apanhava mesmo? O homem a pegou com outro na cama! Ficou possesso! Morto não fala. Helena, a manicure, sempre indagava com João, o motivo desconhecido de Sabrina não ir à polícia, dar parte desse covarde! Vai ver por nunca ter apanhado, até o flagrante com outro. Foi quando se aproximou de Sabrina um sargento da marinha, tal de Pedro... Sabrina pagava com mesma moeda. Ela também falava do tal Pedro para Helena, enquanto era removido com acetona o esmalte velho de suas unhas, para dar lugar a outra cor. O sargento transava com Sabrina, regularmente em variados motéis, espalhados pelo Recife. E pelos relatos que João ouvia... O marinheiro também era casado.

___Ai amiga, é tão difícil homem solteiro! Só depois que ele me comeu que ele disse que era casado... Mas aí eu já tava gostando do safado. Na verdade eu tava era carente, angustiada... E depois eu também sou casada e não posso cobrar nada dele. Ele é legal, compra tudo que quero... Também eu não exploro muito... Mas meus cremes, xampus, perfumes... Ele compra. A minha unha mesmo, vou te pagar com o dinheiro que ele me dá. Agnaldo nem desconfia. O Agnaldo gasta dinheiro com aquela baranga dele e pra mim não dá nem um perfume... O sargento só me pedi para não telefonar pra casa dele e por hipótese alguma ir no quartel procurar ele.

Sabrina vendia cosméticos de revistas, não era muito dinheiro que ganhava, mas o suficiente para se virar. O Agnaldo casou com Sabrina de boca, amigaram-se. E devido à falta de atenção e carinho de seu companheiro,

fez Sabrina carente. Conheceu o marinheiro em um show do Adilson Ramos, que ela foi sem o Agnaldo, pois o mesmo estava dormindo fora de casa e não dava satisfação para Sabrina. Foi exatamente esse sargento dos mares que o marido de Sabrina a flagrou o abraçando e beijando-o em sua própria cama... Foi uma traição clássica! A reação de um homem ao ver a mulher com outro homem varia de temperamento e circunstância. Mas é unânime que a maioria faz uma loucura: se mata, mata a mulher ou derrete na porrada! Ou dar as costas e vai embora sem rumo... Se o homem não gostar da mulher, será apenas um pretexto para deixá-la! Mas todos sentem a dor do chifre. Foi o que o Agnaldo fez! Moeu a morena na porrada, mas perdeu a sua própria vida para a mulher que já amou um dia. Ora! E só ele podia ter amante? João nunca trocou um dedo de prosa com Sabrina. Só Helena, que trocava confissões com ela, enquanto modelava cuidadosamente as suas unhas pintando-as com o esmalte vermelho. Agora estava o garoto ali, diante o desfecho da estória desse casal, com a morte do homem que agredia Sabrina. Pensava por que o seu amante da marinha, o tal Pedro, não enfrentou o marido de Sabrina. Homem mole! Frouxo! Fugiu! Se a amasse mesmo não iria deixá-la apanhar covardemente. João o imaginava no lugar do amante, praça da marinha, com o corpo musculoso do marujo, daria uma boa surra no tal Agnaldo! O garoto não perdoaria esse amante fajuto de Sabrina, que correu e deixou-a em apuros a ser derretida na porrada, mesmo ela sendo valente e revidando contra o agressor. Mas o garoto não entendia que um homem casado não compra briga de amante. O marinheiro era casado. João inquieto foi à cozinha, bebeu água... Ligou a TV... O coração

ainda estava na boca. A cena não saía de sua cabeça. Estava com medo. Pois ela o viu! Seus olhos se encontraram com os de Sabrina logo depois do crime. Apesar de seus quatorze anos, sabia que era a única testemunha de um crime. E não fazia nem dez minutos que tudo acontecera. Era para Helena estar em casa, pois já teria tomado uma providência. Que maldito dia de Helena ir ao médico! Pegou o telefone e discou os números da casa de Helena, que chamou insistentemente... Ela era uma das poucas pessoas que possuía uma linha telefônica no bairro. Não havia ninguém em casa. João tinha esperanças de ela ter ido embora para casa, lá no Alto José do Pinho, onde morava. Os gritos ainda ecoavam em sua mente... Os gritos do homem, ao ser morto nas mãos de Sabrina. Como ela o matou? Onde ela o esfaqueou? Porque ele gritou? A primeira facada foi espontânea de sua própria reação. Sabrina, talvez na queda, quando levou o último golpe do homem, pegou alguma faca que estava próxima, jogada no chão desejando a mão dela... E ela ao agarrar a faca, enterrou-a na barriga dele sem pensar duas vezes. Talvez fosse o diabo mesmo, que deixou aquela faca ali de propósito. O diabo estava do lado de Sabrina. Mas a segunda facada, não foi espontânea ou por extinto de reação, foi para terminar de matá-lo. Como ela terminou com ele? Uma vez, no natal de um ano retrasado, João viu pela janela de seu quarto, Sabrina matando um porquinho leitão. Ouviu os gritos finos e estridentes do pobre animal. João curioso abriu a janela e assistiu o preciso golpe de faca no coração do porco, imobilizado entre as pernas de Sabrina... E o espirro de sangue pintando o chão de vermelho. Será que ela matou o Agnaldo assim? Como um porco? Com

uma facada no coração. Mas o que parece, foram duas facadas, pois ele gritou duas vezes. Talvez fossem os seus últimos dois suspiros, antes de morrer. Pois a falta da circulação do sangue no corpo vai diminuindo a respiração, até desligar completamente todas as funções orgânicas. Pois se foi um golpe certo no coração, ele poderia ter soltado dois gritos pela falta de ar. Assim imaginou João que estudava ciências na escola e sabia de algumas coisas. O garoto novamente subiu as escadas e foi ao seu quarto. Estava inquieto. Abriu a janela e olhou mais uma vez o quintal da casa de Sabrina. As portas e as janelas da cozinha estavam fechadas. Havia um silêncio ensurdecedor. Uma tranquilidade incômoda pairava no ar. Onde estaria Sabrina? Se livrando do cadáver? Se livrando do homem que viveu com ela? Apenas as galinhas cacarejavam tranquilamente... Como se nada houvesse acontecido. O latão d'água estava cheio, aguardando mais um banho de Sabrina em dias ensolarados de domingo, a jogar aquela água em seu corpo moreno, para tirar o óleo do bronzeador... O branco da água oxigenada que dourava os seus pelos finos... Ela tirava a sua roupa para ensaboar suas partes íntimas... E a ereção inexplicável tomava o coração de João, que batia forte ao ver essas imagens pela brecha da janela de seu quarto. João descobria a masturbação. Às vezes não dormia de tanta ereção. Não sabia direito que sentimento prazeroso era aquele. Sentia vergonha. Helena desconfiava quando o garoto demorava horas e horas no banheiro. O pai aparecia em raras ocasiões. No dia de seu aniversário por exemplo. O menino não tinha com quem conversar sobre essas coisas de homem. A mãe biológica era aeromoça. Apenas Helena era sua mãe mais presente. Mas dessa vez Sabrina não estava lá,